A três paradas da sua casa

Cada vez mais fácil nos encontrarmos. Cada vez mais difícil falar sobre a partida



Laura Bellini

A três paradas da sua casa

Cada vez mais fácil nos encontrarmos.
Cada vez mais difícil falar sobre a partida

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384903919

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 5

Capítulo 1 - O mapa das coisas que não podemos guardar 12

Capítulo 2 - Um contrato sem letras miúdas 24

Capítulo 3 - A parada que não estava no mapa 35

Capítulo 4 - Um jantar em que não se fala de trabalho 46

Capítulo 5 - O direito de dizer não 57

Capítulo 6 - A distância de uma respiração 68

Capítulo 7 - Entre uma parada e outra 79

Capítulo 8 - O lugar onde deixamos o mundo do lado de fora 89

Capítulo 9 - Histórias que merecem ser preservadas 100

Capítulo 10 - Tudo o que não dissemos antes 112

Capítulo 11 - Espaço para uma segunda escova de dentes 124

Capítulo 12 - O compromisso que não estava na agenda 135

Capítulo 13 - O preço das belas promessas 147

Capítulo 14 - Aquilo que temos medo de perder 157

Capítulo 15 - A data que ele não queria dizer 167

Capítulo 16 - O silêncio depois do último bonde 179

Capítulo 17 - Os caminhos que escolhemos por conta própria 188

Capítulo 18 - O primeiro passo sem garantias 198

Capítulo 19 - Um mapa com espaço para dois 208
Capítulo 20 - A três paradas de casa 220

INTRO

Se eu tivesse conseguido pegar o bonde anterior naquela manhã, provavelmente nunca teria conhecido Adam Wilga. E, se não tivesse conhecido Adam, talvez ainda acreditasse que as decisões mais seguras eram aquelas que podíamos tomar sozinhos, sem pedir a opinião de ninguém.

Mas eu me atrasei exatamente quatro minutos.

Estava parada no ponto perto da Praça de Todos os Santos, com um tubo de desenhos impressos debaixo do braço e, na outra mão, o celular que, desde as seis da manhã, não parava de me lembrar de tudo o que eu ainda não tinha feito. Cracóvia tinha cheiro de pedra molhada e de café vindo da padaria próxima. A luz de novembro era tão pálida que parecia que alguém havia se esquecido de terminar de ilustrar o céu.

Na tela do celular, brilhava uma mensagem de Marta, minha agente.

Luiza, preciso da sua confirmação definitiva até sexta-feira. A residência artística em Copenhague não vai esperar. É uma oportunidade realmente enorme.

Eu sabia.

Tinha trinta e quatro anos, trabalhava por conta própria, morava havia seis anos em um apartamento alugado e já tinha experiência suficiente para saber que as grandes oportunidades raramente apareciam em momentos convenientes. Havia meses eu trabalhava em uma série autoral de ilustrações urbanas. A residência em Copenhague significava dois meses de trabalho tranquilo, uma exposição e a possibilidade de entrar em um mercado onde ninguém

me perguntaria se eu ainda conseguia fazer algo parecido, só que mais colorido.

Eu queria ir. Queria de verdade.

Mesmo assim, não conseguia apertar o botão que confirmaria minha participação.

O bonde número oito chegou com seu característico rangido metálico. Entrei pela última porta, passei com dificuldade entre duas estudantes e um senhor de idade carregando uma sacola de compras, depois me acomodei em um lugar junto à janela. Apoiei o tubo sobre os joelhos e guardei o celular no bolso do casaco.

Só então reparei no homem que estava em pé à minha frente.

Ele tinha cabelos escuros, um pouco compridos demais na altura da gola do casaco azul-marinho, e o rosto de alguém que não sentia necessidade de provar ao mundo que estava com pressa de chegar a algum lugar. Segurava um livro em uma das mãos e um copo de café de papel na outra. Lia em pé, dentro de um bonde em movimento, com a segurança de quem fazia aquilo havia anos.

O que despertou meu interesse, porém, não foi sua aparência, mas a maneira como fechou o livro quando uma senhora tentou mover uma bolsa pesada.

Sem fazer nenhuma demonstração exagerada de gentileza, colocou o copo sobre o parapeito largo da janela, ajudou a mulher e voltou à leitura.

Pensei em como era raro encontrar pessoas capazes de prestar atenção aos outros sem esperar gratidão em troca.

Então o bonde freou bruscamente.

O tubo escapou debaixo do meu braço, bateu no chão e rolou diretamente até os sapatos dele.

— Acho que isto está tentando fugir da senhora — disse.

Ele o pegou antes que eu conseguisse me levantar.

— Não é a primeira vez. Meus projetos têm a tendência de tomar decisões por conta própria.

Ele sorriu, mas não daquele jeito de quem já está preparando outra resposta engraçadinha.

— Talvez saibam aonde querem chegar.

— Nesse caso, são mais inteligentes do que eu.

Ele me entregou o tubo. Notei uma mancha de tinta azul em seus dedos. Havia também uma pequena cicatriz perto do polegar, aparentemente antiga. Observei esses detalhes por hábito profissional. Ilustradores prestam atenção às mãos, à maneira como as pessoas ficam em pé, às linhas características de cada rosto. Eu dizia a mim mesma que era exatamente por isso que continuava olhando para ele por um instante a mais do que seria necessário.

— O que tem aí dentro? — perguntou.

— Uma Cracóvia que não existe.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Parece um lugar bastante interessante.

— São ilustrações para um álbum independente. Uma cidade construída a partir das lembranças dos moradores. Ruas ligeiramente deslocadas, edifícios vistos pelos olhos de pessoas que se lembram deles de maneira diferente daquela mostrada nos mapas.

Durante alguns instantes, ele observou o tubo com tanta concentração que parecia realmente tentar enxergar os desenhos escondidos lá dentro.

— Então é um mapa daquilo que permaneceu nas pessoas, em vez daquilo que permaneceu nas ruas?

Era a descrição mais precisa que alguém já havia feito do meu projeto.

Até Marta, que sabia vender minhas ideias como ninguém, costumava apresentá-lo como uma viagem sentimental pela arquitetura de Cracóvia.

— Exatamente isso — respondi, baixando um pouco a voz.

— Eu gostaria de ver.

Não soou como uma tentativa de flerte. Parecia mais uma curiosidade sincera que, por algum motivo difícil de explicar, me pareceu mais íntima do que um elogio.

— Ainda não está pronto.

— As coisas mais interessantes geralmente não estão.

Olhei de relance para o livro dele. Na capa estava o nome de Bruno Schulz, autor de uma coletânea de contos bastante desgastada, com os cantos dobrados.

— O senhor lê clássicos no bonde?

— Trabalho em uma biblioteca. É um risco da profissão.

— E eu achando que os bibliotecários já tinham livros suficientes durante o expediente.

— Alguns se cansam das pessoas. Os livros costumam ser mais previsíveis.

Ri antes que conseguisse conter a reação.

Foi então que, pela primeira vez, ele me olhou de uma maneira completamente diferente. Não por mais tempo, nem com maior insistência, mas com um prazer evidente, como se minha risada fosse algo pelo qual ele estivesse esperando sem sequer saber disso.

O bonde atravessou um cruzamento. Do outro lado da janela, passaram as fachadas molhadas dos prédios antigos, a vitrine de uma floricultura e um homem empurrando uma bicicleta com uma cadeirinha infantil vazia.

— Adam — apresentou-se.

— Luiza.

— Prazer em conhecê-la, Luiza.

Eu gostava quando alguém pronunciava meu nome sem pressa. Adam fez isso com tanta naturalidade que, por um momento, desejei ouvi-lo novamente.

O celular dele vibrou. Adam olhou para a tela e, por uma fração de segundo, perdeu a expressão descontraída. Consegui distinguir apenas o começo da notificação: Confirmação da data...

Instintivamente, virou o aparelho, deixando a tela contra o casaco.

— Desculpe — disse. — Questões de organização.

— Conheço bem esse tipo de problema.

— Infelizmente, às vezes ele vem com vários capítulos.

Havia alguma coisa na resposta dele que eu não conseguia identificar. Não era tristeza nem irritação. Parecia mais o cansaço provocado por uma decisão que já havia sido tomada.

O bonde diminuiu a velocidade.

— Desço aqui — anunciou, fechando o livro.

Senti uma decepção desproporcional. Afinal, tínhamos conversado por apenas alguns minutos. Eu não sabia seu sobrenome, não fazia ideia de em qual biblioteca trabalhava e não tinha o menor motivo para esperar que aquela conversa tivesse continuação.

— Boa sorte com a Cracóvia que não existe — acrescentou.

— E boa sorte com seus livros previsíveis.

Ele já estava prestes a se afastar quando olhou para o tubo.

— Se algum dia precisar de histórias dos moradores, passe na biblioteca da rua Kalwaryjska. As pessoas deixam ali mais histórias do que se pode encontrar nas estantes.

— Isso é um convite profissional?

Ele hesitou por um instante tão breve que alguém menos atento provavelmente nem teria percebido.

— Por enquanto, sim.

As portas se abriram. Ele desceu, e eu o observei através do vidro enquanto abotoava o casaco e caminhava em direção à faixa de pedestres. Não olhou para trás imediatamente. Só quando o bonde começou a se afastar foi que levantou a cabeça.

Nossos olhares se encontraram através da janela suja e coberta de gotas de chuva.

Ele sorriu.

Retribuí o sorriso.

O celular vibrou novamente no meu bolso. A mensagem de Marta me lembrava de que sexta-feira era o prazo

definitivo. Abri o formulário da residência artística. Todos os campos estavam preenchidos. Faltava apenas uma confirmação.

Encostei o dedo na tela, mas, em vez de confirmar minha viagem, abri o mapa de Cracóvia.

Procurei a localização da biblioteca da rua Kalwaryjska.

Três paradas depois do lugar onde eu descia todas as tardes.

Apenas três.

Guardei o celular e observei meu reflexo na janela. Ainda não sabia se Adam Wilga teria vontade de conhecer minhas ilustrações, nem se se lembraria do nome da mulher cujo tubo havia tentado fugir pelo bonde. Sabia apenas que, pela primeira vez em muitas semanas, eu havia pensado em alguma coisa que não fosse um prazo, um projeto ou um avião para Copenhague.

O bonde parou no meu ponto.

Eu podia descer, voltar para o ateliê e cuidar da vida que havia planejado com tanto cuidado.

E, no entanto, quando as portas se abriram, durante um único segundo de insensatez, me perguntei o que aconteceria se, em vez de descer, eu continuasse por mais três paradas.

E por que, de repente, a ideia de encontrar novamente um desconhecido parecia mais difícil de abandonar do que a viagem pela qual eu vinha lutando havia meses?

Capítulo 1 - O mapa das coisas que não podemos guardar

Na sexta-feira de manhã, decidi que não iria procurar Adam Wilga.

Era uma decisão sensata, madura e perfeitamente alinhada com tudo em que eu acreditava até então. Tinha dois trabalhos importantes pela frente, um álbum inacabado e o prazo para confirmar minha participação na residência artística em Copenhague. Não precisava de mais motivos para me distrair, especialmente de motivos que tinham cabelos escuros, uma voz tranquila e a capacidade de dizer uma única frase certeira sobre minhas ilustrações.

Às nove e quarenta, porém, eu estava sentada em um bonde a caminho de Podgórze, com uma pasta de esboços sobre os joelhos e uma explicação cuidadosamente preparada para justificar minha visita à biblioteca da rua Kalwaryjska.

A explicação era: preciso de material de pesquisa para o projeto.

E era até verdade.

Nos últimos dois dias, eu havia pensado bastante na ideia que Adam me sugerira. Um mapa de memórias não precisava se limitar a desenhos inspirados pela minha imaginação. Poderia incluir histórias reais dos moradores, trechos de textos e lugares que permaneciam invisíveis nos guias turísticos comuns. Um prédio onde alguém esperara durante trinta anos pela volta da pessoa amada. Um ponto de bonde onde uma mulher lia diariamente as cartas do filho.

Um pátio onde, antigamente, aconteciam sessões de leitura à noite.

Eu tinha experiência suficiente para saber que um trabalho como aquele exigia mais do que imagens bonitas. Precisava de fontes, conversas e da autorização das pessoas cujas lembranças eu pretendia utilizar. A biblioteca poderia ser um bom começo.

Só que eu não precisava escolher justamente aquela biblioteca.

Quando entrei, fui recebida pelo cheiro familiar de papel, poeira e casacos molhados. Estantes altas dividiam o espaço em corredores acolhedores, enquanto uma luz leitosa entrava pelas janelas largas. Em uma das mesas, um senhor lia o jornal; perto dele, duas meninas folheavam um álbum sobre animais. Atrás do balcão estava uma mulher de óculos presos por uma corrente vermelha.

— Bom dia. Estou procurando Adam Wilga.

A mulher levantou os olhos.

— Adam está conduzindo um encontro na sala do fim do corredor. Deve terminar daqui a pouco. Posso ajudar?

— Gostaria de conversar sobre materiais relacionados à história de Podgórze.

— Então veio ao lugar certo. Pode se sentar.

Escolhi uma mesa perto da janela e tirei meu caderno de esboços. Não pretendia parecer uma mulher que havia viajado três paradas a mais só porque um desconhecido se lembrara de seu nome. Por isso, abri o caderno, peguei um lápis e comecei a desenhar o interior da biblioteca.

Alguns minutos depois, ouvi uma voz conhecida.

— Eu sabia que a Cracóvia que não existe acabaria precisando de uma biblioteca.

Levantei a cabeça.

Adam estava ao lado da mesa, com dois livros debaixo do braço. Não usava casaco. Com um suéter verde-escuro, parecia menos formal do que no bonde e, ao mesmo tempo, mais parecido com alguém que eu poderia imaginar fazendo parte do meu cotidiano. As mangas estavam dobradas até os antebraços. A tinta azul ainda marcava a lateral de um de seus dedos.

— Não fique se achando — respondi. — Vim atrás de fontes de pesquisa.

— Claro.

— É sério.

— Eu acredito. Embora tenha a impressão de que você preparou essa resposta antes mesmo de entrar.

Fechei o caderno.

— Você sempre tem tanta certeza das suas interpretações?

— Só quando alguém olha para mim como se estivesse pensando em desenhar um nariz extraordinariamente grande no meu rosto.

Caí na risada.

Adam se sentou à minha frente, mas antes indicou a cadeira com um gesto, pedindo permissão. Valorizei aquela pequena atitude mais do que seria razoável. Os homens com quem eu havia trabalhado anteriormente costumavam tratar o espaço dos outros como algo que bastava ocupar com determinação suficiente.

— Você me mostra no que está trabalhando? — perguntou.

Hesitei por um instante. Meus esboços ainda não estavam prontos para uma apresentação pública. Normalmente, eu só os mostrava quando podia controlar a reação de quem os via por meio de uma explicação adequada. Adam, porém, não parecia alguém que esperasse uma apresentação perfeita.

Abri a pasta.

Na primeira prancha, havia um trecho da rua Józefińska. As fachadas dos prédios antigos se dissolviam em linhas que lembravam chuva, enquanto das janelas surgiam contornos delicados dos antigos moradores. Na seguinte, eu havia desenhado uma ponte vista pela perspectiva de uma menina que a guardara na memória como algo enorme e perigoso.

Adam examinou as ilustrações sem pressa.

— Quem contou a você a história dessa ponte?

— Minha avó. Quando era pequena, tinha medo de atravessar o rio Vístula. Dizia que, naquela época, o rio parecia capaz de levar uma pessoa embora só porque ela olhava para ele.

— Que frase bonita.

— Minha avó tinha talento para exagerar.

— Ou talvez para contar histórias.

Ele virou a prancha seguinte.

— Sabe o que está faltando aqui?

Preparei-me para ouvir uma crítica.

— Cores? Pessoas? Uma perspectiva melhor?

— Vozes.

Olhei para ele.

— Como assim?

— Esses lugares já contam alguma coisa, mas quem vê os desenhos conhece apenas a sua interpretação. Se houvesse pequenos relatos dos moradores acompanhando as ilustrações, o mapa ganharia outra dimensão.

— Foi exatamente por isso que vim.

— Então tivemos uma ideia parecida.

A palavra "tivemos" soou surpreendentemente natural.

Adam tirou uma folha dobrada de dentro de um dos livros e a abriu sobre a mesa. Era o esquema de uma pequena exposição que a biblioteca estava preparando. Nele apareciam o bairro, alguns pontos característicos e lugares ligados a escritores locais.

— Há meses estou tentando organizar algo que leve a literatura para além das estantes — explicou. — Quero criar um mapa literário de Podgórze. Não apenas dos lugares descritos nos livros, mas também daqueles onde os moradores reconhecem suas próprias histórias. A biblioteca possui um arquivo de gravações, depoimentos e fotografias antigas. O problema é que não tenho ninguém capaz de dar uma forma visual a tudo isso.

Puxei a folha para mais perto.

— Então você precisa de uma ilustradora.

— Preciso de alguém que entenda que um mapa pode mostrar muito mais do que o caminho.

Ele disse aquilo com tranquilidade. Sem tentar me impressionar, embora eu tenha sentido um calor agradável que não queria analisar.

— E de onde vem essa certeza de que eu vou querer trabalhar com você?

— Não tenho essa certeza.

— Ótimo.

— Mas tenho um argumento.

— Estou ouvindo.

— Posso dar a você acesso a histórias que não vai encontrar na internet.

Pensei no álbum em que trabalhava havia meses. Nas partes que ainda faltavam. No quanto desejava que ele se tornasse algo além de uma coleção de lembranças esteticamente bonitas.

— E o que você espera em troca?

Adam não respondeu imediatamente.

— Que os moradores não se tornem apenas elementos decorativos do seu projeto.

Meu corpo ficou tenso.

— Eu não trato pessoas como decoração.

— Não disse que você faz isso.

— Foi o que pareceu.

— Então me expressei mal. Quero dizer que precisamos preservar as vozes dessas pessoas. Se alguém conta uma história, deve saber como ela será utilizada. E precisa ter a possibilidade de dizer não.

Deixei o lápis sobre a mesa.

— Eu sempre peço autorização.

— Acredito. Mas quero que isso seja uma regra da nossa colaboração, não apenas uma questão de boa vontade individual.

Observei-o com mais atenção.

Ele não tentou me convencer com um sorriso. Tampouco recuou de sua posição. Era educado, mas firme de uma maneira que, ao mesmo tempo, me irritava e despertava meu respeito.

— Não vou entregar a você o controle das minhas ilustrações — avisei.

— Não estou pedindo isso.

— E também não vou preparar um projeto para depois vê-lo transformado por uma comissão da biblioteca.

— Não quero uma comissão. Quero uma conversa.

— Conversas podem durar mais do que reuniões de comissão.

— Depende de com quem você conversa.

Ficamos em silêncio por alguns instantes.

Foi então que percebi como os olhos de Adam eram claros. Não conseguia definir exatamente sua cor, porque ela mudava conforme a luz, mas a maneira como ele olhava era muito mais interessante do que a tonalidade em si. Ele não desviava o olhar quando discordava de mim.

— Tenho meu próprio cronograma — disse por fim. — E compromissos que não posso adiar.

— Entendo.

— Não é uma desculpa.

— Não interpretei como desculpa.

Meu celular vibrou no bolso. Marta.

Preciso receber hoje sua resposta sobre Copenhague.

Virei a tela para baixo.

Adam percebeu, mas não perguntou nada.

— Quanto tempo você precisaria para um projeto assim? — perguntei.

— Gostaria de preparar a primeira versão em seis semanas. Depois poderíamos decidir se vale a pena ampliar o mapa.

Seis semanas.

Mais tempo do que eu deveria permitir que um novo compromisso ocupasse.

— É bastante trabalho.

— Sim.

— E você está presumindo que vou fazer tudo de graça?

Dessa vez, ele riu.

— Não. A biblioteca tem um orçamento pequeno para a parte gráfica. Não pretendo ofender você com uma proposta de trabalhar em troca de visibilidade.

— Já é um bom começo.

Ele pegou um bloco de notas e escreveu algumas informações. Sua letra era pequena, ligeiramente inclinada, com uma maneira característica de desenhar a letra "g".

— Vou enviar o escopo e as condições financeiras. Você poderá decidir com calma.

— Ainda não tenho seu número.

— Isso realmente dificulta nossa correspondência.

Ele me entregou o celular para que eu registrasse meus dados. Fiz isso tentando ignorar o prazer absurdo que uma ação tão comum estava me proporcionando.

Quando devolvi o aparelho, nossos dedos se tocaram brevemente. Nenhum de nós fez um movimento brusco ou transformou aquilo em um acontecimento extraordinário. Mesmo assim, notei que Adam olhou para minha mão por um instante.

— Luiza Dąbek — leu. — Um bom sobrenome para uma ilustradora.

— Por quê?

— Curto. Objetivo. Difícil de confundir com outra coisa.

— E Wilga?

— Dizem que me obriga a cantar. Venho decepcionando as pessoas há trinta e nove anos.

— Então temos algo em comum. Eu decepciono os clientes quando me recuso a desenhar xícaras sorridentes.

Nossa conversa foi interrompida por uma senhora que se aproximou da mesa carregando um conjunto de fotografias.

— Senhor Adam, trouxe aquelas fotos que me pediu.

Adam se levantou imediatamente.

— Dona Helena, muito obrigado. Sente-se, por favor, se tiver um tempinho.

A mulher me observou com interesse.

— E quem é esta moça?

— Esta é Luiza. Talvez ela nos ajude a mostrar Podgórze de uma maneira completamente nova.

Não o corrigi.

Dona Helena espalhou sobre a mesa fotografias de uma rua antiga, uma loja que já não existia e um pátio com um banco de madeira. Falava sobre as pessoas que haviam morado ali muitos anos antes, enquanto Adam a escutava com tanta atenção como se cada história tivesse a mesma importância de um livro guardado nas estantes atrás dele.

Quando ela mencionou o marido, que todos os dias lhe trazia flores do mercado, sua voz tremeu ligeiramente. Adam não tentou preencher o silêncio. Esperou que ela mesma decidisse se queria continuar falando.

Naquele momento, compreendi por que ele dava tanta importância à autorização dos moradores.

Não era apenas uma questão de princípios profissionais.

Ele tratava as lembranças alheias como coisas preciosas que alguém lhe confiara para guardar.

Depois que dona Helena foi embora, examinei novamente as fotografias.

— Quero tentar — falei.

Adam levantou os olhos.

— De verdade?

— Mas com minhas condições. Primeiro vou preparar um conceito. Não prometo assumir o projeto inteiro antes de examinar os materiais e o contrato.

— Justo.

— E nenhuma alteração nas minhas ilustrações sem conversar comigo.

— Combinado.

— Se eu achar que alguma coisa não funciona, vou dizer diretamente.

O canto de sua boca se moveu.

— Isso eu já tinha conseguido perceber.

Levantei-me e comecei a recolher os esboços. Tinha a impressão de haver passado muito mais tempo na biblioteca do que planejara. Do lado de fora, uma chuva fina começava a cair.

Adam me acompanhou até a porta.

— Luiza?

Virei-me.

— Obrigado por ter vindo.

Uma frase simples. Sem jogos.

— Você ainda não sabe se vai se arrepender.

— É verdade.

— Não parece preocupado.

— Alguns riscos me parecem valer a pena.

Durante alguns instantes, ficamos nos olhando em silêncio. Eu não sabia se ele estava falando do projeto. Suspeitava que também não pretendesse esclarecer.

Saí para a rua e só depois de caminhar alguns passos peguei o celular.

Marta ligou novamente.

— Luiza, precisamos tomar uma decisão — disse, sem sequer cumprimentar. — Os organizadores precisam da confirmação.

Olhei para a biblioteca através do vidro molhado do ponto de bonde.

— Vou para Copenhague — respondi.

Dizer aquelas palavras me trouxe alívio. Aquela era a minha oportunidade, conquistada depois de anos tomando decisões por conta própria, e eu não pretendia perdê-la porque havia conhecido um homem interessante.

— Excelente. Vou confirmar sua participação na residência. Envio os detalhes por e-mail.

Ela desligou.

Pouco depois, recebi uma mensagem de Adam.

Estou enviando a descrição preliminar do projeto. Se ainda tiver vontade, proponho que conversemos sobre ela amanhã. E prometo não criticar seus narizes.

Sorri.

Respondi antes que tivesse tempo de analisar todas as possíveis consequências.

Amanhã está ótimo. Mas já aviso que meus narizes não são negociáveis.

A resposta chegou quase imediatamente.

Nesse caso, vamos começar pelos assuntos difíceis.

Guardei o celular quando o bonde se aproximou.

Eu tinha pela frente uma viagem, um novo projeto e um homem que, em apenas dois encontros, havia questionado mais hábitos meus do que qualquer outra pessoa durante o último ano.

Não pretendia mudar meus planos.

Mas queria descobrir o que aconteceria no dia seguinte.

Capítulo 2 - Um contrato sem letras miúdas

No sábado de manhã, acordei antes do despertador e passei alguns segundos tentando entender por que me sentia tão impaciente. Normalmente, meus fins de semana começavam com café e uma revisão das mensagens atrasadas. Depois, eu trabalhava até a luz do ateliê ficar fraca demais para distinguir os diferentes tons de cinza. Dessa vez, porém, meu primeiro pensamento não foi o álbum inacabado nem a data da viagem para Copenhague.

Foi a mensagem de Adam.

Dez e meia. Café na rua Józefińska. Tenho documentos, um mapa e argumentos bastante convincentes.

Li mais uma vez, embora já soubesse o conteúdo de cor.

Eu não me considerava alguém propensa a fantasias românticas. Tinha vivido alguns relacionamentos que me ensinaram a ser cautelosa, mas também me mostraram que, com o tempo, a cautela pode se transformar em uma desculpa confortável para não deixar ninguém entrar na própria vida. Nos últimos dois anos, não sentira muita falta de intimidade. Gostava do meu apartamento, da minha independência e do silêncio em que ninguém perguntava por que eu estava trabalhando às duas da manhã.

Mesmo assim, agora escolhia minhas roupas com uma atenção que não dedicava nem a certas reuniões profissionais.

Acabei vestindo uma calça preta, um suéter claro e um casaco comprido de lã. Deixei os cabelos soltos. Não porque